

Redesenhar o mapa da Federação Russa: Partição da Rússia após uma III Guerra Mundial?

By [Mahdi Darius Nazemroaya](#)

Global Research, September 17, 2014

[Inglês Original - Strategic Culture](#)

[Foundation \(SCF\)](#) 10 September 2014

O objetivo final dos EUA e da NATO é dividir (balcanizar) e pacificar (finlandizar) o maior país do mundo, a Federação Russa, e estender mesmo um manto de desordem perpétua (somalização) sobre o seu vasto território ou, pelo menos, sobre uma parte da Rússia e do espaço pós-soviético, à semelhança do que está a ser feito no Médio Oriente e no Norte de África.

A futura Rússia ou as muitas futuras Rússias, uma pluralidade de estados enfraquecidos e divididos, que Washington e os seus aliados da NATO prevêem, estará/estarão demograficamente em declínio, desindustrializadas, pobres, sem qualquer capacidade de defesa e sem zonas interiores que possam ser exploradas para obter recursos.

Os planos imperiais de caos para a Rússia

Washington e a NATO não se contentaram com a destruição da União Soviética. O objetivo final dos EUA é impedir que surjam quaisquer alternativas a uma integração euro-atlântica na Europa e na Eurásia. É por isso que a destruição da Rússia é um dos seus objetivos estratégicos.

Os objetivos de Washington estiveram vivos e presentes durante a luta na Chechénia. Também puderam ser vistos na crise que irrompeu em EuroMaidan na Ucrânia. De facto, o primeiro passo para o divórcio entre a Ucrânia e a Rússia foi um catalisador para a dissolução de toda a União Soviética e para quaisquer tentativas de a reorganizar.

O intelectual polaco-americano, Zbigniew Brzezinski, que foi conselheiro de segurança nacional do presidente americano Jimmy Carter e um dos arquitetos por trás da invasão soviética do Afeganistão, defendeu a destruição da Rússia através duma desintegração e devolução graduais. Estipulou que “uma Rússia mais descentralizada seria menos suscetível à mobilização imperialista” [1] Por outras palavras, se os EUA dividissem a Rússia, Moscovo não poderia desafiar Washington. Neste contexto, afirma o seguinte: “Uma Rússia confederada informalmente - formada por uma Rússia europeia, uma república siberiana e uma república do extremo oriente - teria mais facilidade de cultivar regulações económicas mais estreitas com a Europa, com os novos estados da Ásia central e com [a Ásia oriental], acelerando assim o desenvolvimento da Rússia”. [2]

Esta perspetiva não está restrita apenas a qualquer torre de marfim de académicos ou a grupos de pensamento isolados. Tem o apoio de governos e até tem aderentes cultos. Segue-se abaixo uma reflexão sobre ela.

Os media dos EUA prevêm a balcanização da Rússia

Em 8 de Setembro de 2014, Dmytro Sinchenko publicou um artigo sobre a divisão da Rússia. Este artigo intitula-se “À espera da III Guerra Mundial: Como o mundo mudará”. [3] Sinchenko esteve envolvido no EuroMaidan. A sua organização, a iniciativa ucraniana “Movimento de Estadistas”, defende um nacionalismo étnico, a expansão territorial da Ucrânia à custa da maior parte dos países fronteiriços, o reforço da Organização para a Democracia e Desenvolvimento Económico da Geórgia-Ucrânia-Azerbaijão-Moldova (GUAM), pró-EUA, a adesão à NATO e o lançamento de uma ofensiva para derrotar a Rússia, fazendo parte dos seus objetivos de política externa. [4] Em jeito de nota, a inclusão da palavra democracia no GUAM não deve iludir ninguém: o GUAM, como prova a inclusão da República do Azerbaijão, não tem nada a ver com democracia, mas apenas com contrabalançar a Rússia na Comunidade de Países Independentes (CPI).

O artigo de Sinchenko começa por falar sobre a história do “Eixo do Mal”, frase que os EUA têm usado para denegrir os seus inimigos. Fala sobre como George W. Bush Jr. cunhou a frase em 2002, agrupando o Iraque, o Irão e a Coreia do Norte, como John Bolton alargou o Eixo do Mal para incluir Cuba, a Líbia e a Síria, como Condoleezza Rice incluiu a Bielorrússia, o Zimbabué e Myanmar (Birmânia) e, por fim, propõe juntar a Rússia à lista, como o principal estado pária do mundo. Chega a argumentar que o Kremlin está envolvido em todos os conflitos nos Balcãs, no Cáucaso, no Médio Oriente, no Norte de África, na Ucrânia e no sudeste asiático. Prossegue, acusando a Rússia de planejar invadir os estados bálticos, o Cáucaso, a Moldavia, a Finlândia, a Polónia e, mais ridiculamente ainda, dois dos seus aliados militares e políticos mais próximos, a Bielorrússia e o Cazaquistão. Tal como insinua o título do artigo, chega a afirmar que Moscovo está propositadamente a pressionar para uma terceira guerra mundial.

Esta ficção não é uma coisa que tenha sido noticiada nas redes empresariais alinhadas com os EUA, mas é algo que tem sido publicado diretamente pelos media que são propriedade do governo dos EUA. A previsão foi publicada pelo serviço ucraniano da Radio Free Europe / Radio Liberty, que tem sido um instrumento de propaganda dos EUA na Europa e no Médio Oriente para ajudar a derrubar governos.

De modo arrepiante, o artigo tenta dourar as possibilidades duma nova guerra mundial. Ignorando de modo revoltante o uso de armas nucleares e a destruição maciça que significaria para a Ucrânia e para o mundo, o artigo pinta mistificatoriamente uma imagem simpática de um mundo que será corrigido por uma grande guerra global. A Radio Free Europe/Radio Liberty e o autor estão essencialmente a dizer ao povo ucraniano que “a guerra é boa para vocês” e que, depois duma guerra com a Rússia, surgirá um paraíso utópico qualquer.

O artigo também se encaixa perfeitamente nos contornos da previsão de Brzezinski para a Rússia, para a Ucrânia e para o subcontinente eurasiático. Prevê a divisão da Rússia, enquanto a Ucrânia passa a fazer parte duma União Europeia alargada, que inclui a Geórgia, a Arménia, a República do Azerbaijão, a Bielorrússia, Israel, o Líbano e a dependência dinamarquesa da Gronelândia no continente americano. Também controla uma confederação de estados no Cáucaso e no Mar Mediterrâneo – esta última poderá ser a União dos Mediterrânicos, que englobaria a Turquia, a Síria, o Egito, a Líbia, a Tunísia, a Argélia, Marrocos e o território ocupado por Marrocos da República Árabe Saaraui Democrática, ou Saara Ocidental. A Ucrânia é apresentada como um componente integral da União Europeia. Neste aspeto, a Ucrânia aparece situada num corredor franco-alemão-

polaco-ucraniano, alinhado com os EUA, e num eixo Paris-Berlim-Varsóvia-Kiev cuja criação Brzezinski defendeu em 1997, e que Washington usaria para desafiar a Federação Russa e os seus aliados no CPI. [5]

Redesenhar a Eurásia: Mapas de Washington de uma Rússia dividida

Com a divisão da Federação Russa, o artigo da Radio Free Europe/Radio Liberty afirma que qualquer rivalidade bipolar entre Moscovo e Washington acabará depois da III Guerra Mundial. Numa profunda contradição, afirma que só quando a Rússia for destruída, haverá um mundo multipolar genuíno, mas também sugere que os EUA será a principal potência global dominante apesar de Washington e de a União Europeia saírem enfraquecidos desta grande guerra prevista com os russos.



.Acompanhando o artigo há também dois mapas que sublinham o novo traçado do espaço euroasiático e a forma do mundo após a destruição da Rússia. Além disso, nem o autor nem os seus dois mapas reconhecem a alteração de fronteiras na Península da Crimeia e representam-na como uma parte da Ucrânia e não da Federação Russa. De ocidente para oriente fazem-se as seguintes alterações à geografia da Rússia:

- O oblast russo de Kaliningrado será anexado pela Lituânia, pela Polónia ou pela Alemanha. Seja como for, passará a fazer parte duma União Europeia alargada.
- A Carélia de leste (Carélia russa) e o que é atualmente o súbdito federal da República da Carélia no interior do Distrito Federal Noroeste da Rússia, juntamente com a cidade federal de S. Petersburgo, o oblast de Novgorod, os dois terços do norte do oblast Pskov e o oblast de Murmansk são separados da Rússia para formarem um país alinhado com a Finlândia. Esta área até pode ser absorvida pela Finlândia para criar uma Grande Finlândia. Embora o oblast de Arcangel (Arkhangelsk) esteja listado no artigo como uma parte desta área repartida, não está incluída no mapa (provavelmente devido a um erro no mapa).
- Os distritos administrativos a sul, de Sebezhsy, Pustoshkinsky, Nevelsky, e Usvyatsky no oblast de Pskov do Distrito Federal Noroeste e os distritos administrativos mais ocidentais de Demidovsky, Desnogorsk, Dukhovshchinsky, Kardymovsky, Khislavichsky, Krasninsky, Monastyrshchinsky, Pochinkovsky, Roslavlsky, Rudnyansky, Shumyachsky, Smolensky,

Velizhsky, Yartsevsky e Yershichsky, assim como as cidades de Smolensk e Roslavl, no oblast de Smolensk do Distrito Federal Central, são ligados à Bielorrússia. Os distritos de Dorogobuzhsky, Kholm-Zhirkovsky, Safonovsky, Ugransky, e Yelninsky do oblast de Smolensk e os distritos Yelninsky aparecem ainda mais repartidos no mapa, com a nova fronteira entre a Bielorrússia e a Rússia amputada conforme proposto.

- O Distrito Federal do Cáucaso Norte da Rússia, que engloba a República do Daguestão, a República de Inguchétia, a República Cabárdia-Balcária, a República Carachai-Circácia, a República da Ossétia-Alânia do Norte, o Krai de Stavropol, e a Chechénia, fica separado da Rússia como uma confederação caucasiana sob a influência da União Europeia.

- O Distrito Federal Sul da Rússia, que é formado pela República da Adigueia, o oblast de Astracã, o oblast de Volgogrado, a República da Calmúquia, o Krai de Krasnodar e o oblast de Rostov, é totalmente anexado pela Ucrânia; isso leva a uma fronteira partilhada entre a Ucrânia e o Cazaquistão e corta a Rússia do Mar Cáspio, rico em energia, e também a sul a uma fronteira direta com o Irão.

- A Ucrânia também anexa os oblasts de Belgorod, Bryansk, Kursk, e Voronej do distrito federal mais densamente povoado e de maior área da Rússia, o Distrito Federal Central.

- A Sibéria e o extremo oriente russo, especificamente o Distrito Federal da Sibéria e o Distrito Federal do Extremo Oriente, são separados da Rússia.

- O texto diz que todo o território da Sibéria e a maior parte do território do extremo oriente russo, que englobam a República do Altai, Altai Krai, o oblast de Amur, a República da Buriácia, Chukotka, o oblast Autónimo Judaico, o oblast de Irkutsk, Kamchatka Krai, o oblast de Kemerovo, Khabarovsk Krai, a República de Cacássia, Krasnoyarsk Krai, o oblast de Magadan, o oblast de Novosibirsk, o oblast de Omsk, Primorsky Krai, a República Iacútia, o oblast Tomsk, a República Tuva e Zabaykalsky Krai, ou passam a ser vários estados independentes dominados pelos chineses ou, juntamente com a Mongólia, passam a ser novos territórios da República Popular da China. O mapa desenha categoricamente a Sibéria, a maior parte do extremo oriente russo e a Mongólia como território chinês. A única exceção é o oblast Sacalina.

- A Rússia perde a Ilha Sacalina (chamada Saharin e Karafuto em japonês) e as Ilhas Curilas, que constituem o oblast Sacalina. Estas ilhas são anexadas pelo Japão.

Na sua página da Internet, Sinchenko publicou o seu artigo da Radio Free Europe/Radio Liberty, uns dias mais cedo, a 2 de Setembro de 2014. Os mesmos mapas, que são atribuídos à Radio Free Europe/Radio Liberty, também estão ali presentes. [6] Mas há uma imagem adicional na página da Internet de Sinchenko que vale a pena assinalar. É uma imagem da Rússia a ser alegremente esquartejada para consumo, como uma grande refeição de todos os países fronteiriços. [7]

Схема, застосована Кремлем в Україні, Молдові та Грузії, ідеально пасує для самої Російської Федерації. Поява сепаратистської організації, захоплення адмінбудівель, проведення референдуму, проголошення незалежності або приєднання до сусідньої держави...

Територіальні претензії до Росії та самовизначення народів

Територій, що хотіли б отримати незалежність від Москви, або навіть приєднатись до іншої держави, в Росії безліч. Рівно, як і сусідів, зацікавлених у такому розвитку подій. Розглянемо найяскравіші приклади.



1. Калінінградська область. Територія, анексована Росією у Німеччини після Другої світової війни, відома як Кенігсберг. Межує з Литвою та Польщею і не має сухопутного кордону з РФ. Незважаючи на те, що німецьке населення було майже повністю депортоване, а звільнені території заселені переважно росіянами, в області тривалий час діють сепаратистські організації. На цю територію можуть одночасно претендувати

O banquete às custas da Rússia, segundo Dimitri Sinchenko.

Mapeando uma Nova Ordem Mundial: O mundo depois da III Guerra Mundial?

O segundo mapa é o mundo após a III Guerra Mundial, que fica dividido em vários estados supranacionais. O Japão é a única exceção. O segundo mapa e os seus estados supranacionais podem descrever-se assim:

- Como referido anteriormente, a União Europeia está alargada e controla as suas periferias no Cáucaso, no sudeste asiático e no Norte de África. É a concretização do Diálogo Mediterrâneo e da Parceria para a Paz, da NATO, a nível político e militar e da Associação Oriental e da Parceria Euro-Mediterrânica, da União Europeia (a União do Mediterrâneo) a nível político e económico.
- Os Estados Unidos formam uma entidade supranacional com base na América do Norte, que inclui o Canadá, o México, a Guatemala, o Belize, El Salvador, as Honduras, a Nicarágua, a Costa Rica, o Panamá, a Colômbia, a Venezuela, o Equador, as Guianas (Guiana, Suriname, e Guiana Francesa) e todas as Caraíbas.
- Todos os países que não sejam engolidos pelos EUA na América do Sul formarão a sua entidade supranacional numa América do Sul mais pequena, que será dominada pelo Brasil.
- Formar-se-á uma espécie de bloco ou entidade supranacional no sudoeste asiático, com o Afeganistão, o Paquistão, o Irão, o Iraque, a Jordânia, a Arábia Saudita, o Kuwait, o Bahrain, o Qatar, os Emiratos Árabes Unidos, Omã e o Iémen.
- Formar-se-á uma espécie de entidade supranacional no subcontinente indiano ou sul da Ásia com a Índia, o Sri Lanka (Ceilão), o Nepal, o Butão, o Bangladesh, Myanmar (Birmânia)

e a Tailândia.

- Haverá uma entidade supranacional na Australásia e na Oceânia que incluirá as Filipinas, a Malásia, Singapura, o Brunei, a Indonésia, Timor Leste, a Papua Nova-Guiné, a Nova Zelândia e as ilhas do Pacífico. Esta entidade incluirá a Austrália e será dominada por Canberra.

Com exceção do Norte de África, que será controlado pela União Europeia, o resto da África será unificada sob a chefia da África do Sul.

- Uma entidade supranacional do leste da Ásia incluirá a maior parte da Federação Russa, a Indochina, a China, a Península Coreana, a Mongólia e a Ásia Central pós-soviética. Esta entidade será dominada pelos chineses e dominada a partir de Beijing.



Embora o artigo da Radio Free Europe e os dois mapas pós III Guerra Mundial possam ser considerados como noções fantasiosas, temos que fazer algumas perguntas importantes. Primeiro, onde é que o autor foi buscar estas ideias? Foram transmitidas através de quaisquer “workshops” apoiados pelos EUA e pela União Europeia indiretamente? Segundo, o que sustenta a visão do autor numa paisagem política pós III Guerra Mundial?

O autor, essencialmente, segue o traçado de Brzezinski numa Rússia dividida. O texto e os mapas até incluíram as áreas do norte de África, do Médio Oriente e do Cáucaso, que a União Europeia considera como uma segunda periferia ou camada de si mesma. Estas áreas até estão pintadas com um azul mais claro do que o azul mais escuro que identifica a União Europeia.

Mesmo que não se dê importância à Radio Free Europe, ninguém deve esquecer o facto de que o Japão continua a reclamar o oblast de Sacalina e os EUA, a União Europeia, a Turquia e a Arábia Saudita têm apoiado movimentos separatistas tanto no Distrito Federal Sul como no Distrito Caucásico Norte da Federação Russa.

Ucranianismo

O artigo da Rádio Free/Radio Liberty exhibe indícios de ucranianismo, que vale a pena mencionar brevemente.

As nações são construídas porque todas elas são comunidades dinâmicas que, duma forma ou de outra, são construídas e mantidas juntas pelo coletivo dos indivíduos que formam as sociedades. Neste aspeto podem ser chamadas de comunidades imaginadas.

Há maquinações em marcha para desconstruir e reconstruir nações e grupos no espaço pós-soviético e no Médio Oriente. Isto pode chamar-se a manipulação do tribalismo em calão sociológico e antropológico ou, no calão político, a representação do Grande Jogo. Neste contexto, o ucranianismo tem sido especialmente apoiante de elementos anti-governo e dos sentimentos nacionalistas anti-russos na Ucrânia há mais de cem anos, primeiro pelos austríacos e os alemães, depois através dos polacos e dos britânicos, e agora pelos EUA e a NATO.

O ucranianismo é uma ideologia que procura coisificar e impor uma nova imagem coletiva ou uma memória histórica falsa entre o povo ucraniano sobre ele terem sido sempre uma nação e um povo separados é uma projeção política que procura negar a unidade histórica dos eslavos orientais e as raízes geográficas e o contexto histórico por trás da distinção entre ucranianos e russos. Por outras palavras, o ucranianismo procura descontextualizar e esquecer o processo que levou à distinção entre ucranianos e russos.

A Rússia sempre ressurgiu das cinzas. A história pode testemunhá-lo. Venha o que vier, a Rússia ficará de pé. Sempre que todos os diversos povos da Rússia se uniram sob uma bandeira pela sua pátria, estilhaçaram impérios. Sobreviveram a guerras e invasões catastróficas e venceram os seus inimigos. Os mapas e as fronteiras podem mudar, mas a Rússia permanecerá.

Tradução de Margarida Ferreira.

O original encontra-se em [Stragic Culture Foundation](#)

Notas

[1] Zbigniew Brzezinski, *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geo-strategic Imperatives* (NYC: Basic Books, 1997), p.202.

[2] Ibid.

[3] "Waiting for World War III: How the World Will Change" Radio Free Europe/Radio Liberty], September 8, 2014.

[4] Ukrainian Initiative "Statesmen Movement" Foreign Policy Strategy Statesman Movement: Chasing Dreams/Visions. Accessed September 9, 2014.

[5] Brzezinski, *The Grand Chessboard*, op. cit., pp.85-86

[6] Dmytro Sinchenko, "Waiting for World War III: How the World Will Change", Dmytro Sinchenko {blog}], September 2, 2014, Accessed September 3, 2014: .

[7] Ibid.

The original source of this article is [Inglês Original - Strategic Culture Foundation \(SCF\)](#)
Copyright © [Mahdi Darius Nazemroaya, Inglês Original - Strategic Culture Foundation \(SCF\)](#), 2014

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Mahdi Darius Nazemroaya](#)

About the author:

An award-winning author and geopolitical analyst, Mahdi Darius Nazemroaya is the author of *The Globalization of NATO* (Clarity Press) and a forthcoming book *The War on Libya and the Re-Colonization of Africa*. He has also contributed to several other books ranging from cultural critique to international relations. He is a Sociologist and Research Associate at the Centre for Research on Globalization (CRG), a contributor at the Strategic Culture Foundation (SCF), Moscow, and a member of the Scientific Committee of Geopolitica, Italy.

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca